

O MUNDO VIRTUAL E A PERDA DO CRITÉRIO ORGANÍSMICO NO ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA ONTOPSICOLOGIA E DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA NA ERA DIGITAL

Maísa Paranhos Bertoglio¹

Resumo: A crescente digitalização da vida contemporânea transformou significativamente os processos de socialização, aprendizagem e construção da identidade dos adolescentes. Embora as tecnologias digitais ofereçam benefícios relacionados ao acesso à informação, à comunicação e ao entretenimento, seu uso excessivo tem sido associado ao aumento do comportamento sedentário, da ansiedade, da depressão, dos distúrbios do sono, das dificuldades cognitivas e das fragilidades relacionais. A pandemia da COVID-19 intensificou esse cenário ao ampliar o tempo de exposição às telas e reduzir experiências presenciais de convivência, corporeidade e atividade física. O presente estudo tem como objetivo analisar os impactos do ambiente virtual sobre o desenvolvimento adolescente à luz de conceitos da Ciência Ontopsicológica e da Pedagogia Ontopsicológica. Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em estudos científicos sobre adolescência, saúde mental, comportamento sedentário e tecnologias digitais, articulados aos conceitos ontopsiológicos de critério organísmico, cérebro visceral, identidade de natureza e formação da consciência. Os resultados indicam que a hiperconectividade pode favorecer o afastamento progressivo do adolescente de sua percepção organísmica, aumentando a dependência de critérios externos de validação e fragilizando a construção de uma identidade coerente com a própria natureza. Conclui-se que a Pedagogia Ontopsicológica oferece contribuições relevantes para a formação integral dos jovens na era digital, ao promover autonomia, responsabilidade, corporeidade, consciência crítica e capacidade de orientar o uso da tecnologia em função do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: adolescência; mundo virtual; critério organísmico; Ontopsicologia; pedagogia ontopsiológica.

The virtual world and the loss of the organismic criterion in adolescents: contributions of ontopsiology and ontopsiological pedagogy to human formation in the digital era

Abstract: The growing digitalization of contemporary life has significantly transformed adolescents' processes of socialization, learning and identity construction. Although digital technologies offer benefits related to access to information, communication and entertainment, excessive use has been associated with increased sedentary behavior, anxiety, depression, sleep disorders, cognitive difficulties and relational fragility. The COVID-19 pandemic intensified this scenario by increasing screen exposure and reducing face-to-face experiences of social interaction, corporeality and physical activity. This study aims to analyze the impacts of the virtual environment on adolescent development in light of concepts from Ontopsychological Science and Ontopsychological Pedagogy. It is a qualitative bibliographic review of exploratory nature, based on scientific studies on adolescence, mental health, sedentary behavior and digital technologies, articulated with the ontopsiological concepts of organismic criterion, visceral brain, identity of nature and formation of consciousness. The results indicate that hyperconnectivity may favor adolescents' progressive distancing from their organismic perception, increasing dependence on external validation criteria and weakening the construction of an identity coherent with their own nature. It is concluded that Ontopsychological Pedagogy offers relevant contributions to the integral formation of young people in the digital age by promoting autonomy, responsibility, corporeality, critical consciousness and the ability to orient the use of technology toward human development.

Keywords: adolescence; virtual world; organismic criterion; Ontopsychology; ontopsiological pedagogy.

¹ Graduanda em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Professora e Diretora da Qualificar Instituto. E-mail: maisaontopsicologia@gmail.com

El mundo virtual y la pérdida del criterio organísmico en el adolescente: contribuciones de la ontopsicología y de la pedagogía ontopsicológica para la formación humana en la era digital

Resumen: La creciente digitalización de la vida contemporánea ha transformado significativamente los procesos de socialización, aprendizaje y construcción de la identidad de los adolescentes. Aunque las tecnologías digitales ofrecen beneficios relacionados con el acceso a la información, la comunicación y el entretenimiento, su uso excesivo ha sido asociado con el aumento del comportamiento sedentario, la ansiedad, la depresión, los trastornos del sueño, las dificultades cognitivas y las fragilidades relacionales. La pandemia de la COVID-19 intensificó este escenario al ampliar el tiempo de exposición a las pantallas y reducir las experiencias presenciales de convivencia, corporeidad y actividad física. El presente estudio tiene como objetivo analizar los impactos del entorno virtual sobre el desarrollo adolescente a la luz de los conceptos de la Ciencia Ontopsicológica y de la Pedagogía Ontopsicológica. Se trata de una revisión bibliográfica cualitativa, de carácter exploratorio, fundamentada en estudios científicos sobre adolescencia, salud mental, comportamiento sedentario y tecnologías digitales, articulados con los conceptos ontopsicológicos de criterio organísmico, cerebro visceral, identidad de naturaleza y formación de la conciencia. Los resultados indican que la hiperconectividad puede favorecer el progresivo alejamiento del adolescente de su percepción organísmica, aumentando la dependencia de criterios externos de validación y debilitando la construcción de una identidad coherente con su propia naturaleza. Se concluye que la Pedagogía Ontopsicológica ofrece contribuciones relevantes para la formación integral de los jóvenes en la era digital, al promover la autonomía, la responsabilidad, la corporeidad, la conciencia crítica y la capacidad de orientar el uso de la tecnología en función del desarrollo humano.

Palabras clave: adolescencia; mundo virtual; criterio organísmico; ontopsicología; pedagogía.

1 Introdução

A revolução tecnológica das últimas décadas alterou profundamente a forma como os seres humanos se comunicam, aprendem, trabalham, relacionam-se e constroem suas referências de identidade. Entre os grupos mais impactados por essa transformação encontram-se os adolescentes, que cresceram em um contexto marcado pela presença constante de smartphones, redes sociais, jogos eletrônicos, plataformas de vídeo e acesso permanente à internet.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), aproximadamente 90% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet, sendo o telefone celular o principal dispositivo utilizado para conexão. Esse fenômeno intensificou-se durante a pandemia da COVID-19, quando atividades escolares, relacionamentos sociais, práticas recreativas e formas de entretenimento passaram a ocorrer predominantemente em ambientes digitais.

Diversos estudos científicos têm demonstrado associação entre o aumento do tempo de tela e problemas relacionados ao sedentarismo, à obesidade, à ansiedade, à depressão, às alterações do sono e às dificuldades de atenção entre adolescentes (Ferreira *et al.*, 2020; Figueiredo *et al.*, 2018; Souza; Cunha, 2019). Entretanto, embora existam inúmeras pesquisas sobre os impactos físicos e psicológicos das tecnologias digitais, ainda são escassos os estudos que investigam esse fenômeno sob a perspectiva da identidade humana, da percepção organísmica e da formação da consciência.

A Ciência Ontopsicológica oferece uma contribuição específica para essa discussão ao compreender o organismo como primeira fenomenologia da identidade humana. Segundo Meneghetti (2021, p. 206), o organísmico corresponde ao “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação”, constituindo a presença histórica do Em Si ôntico no orgânico humano.

Partindo dessa perspectiva, este artigo sustenta a tese de que a hiperexposição ao ambiente virtual durante a adolescência, intensificada pela pandemia da COVID-19, não produz apenas consequências físicas e psicológicas, mas pode favorecer o afastamento do critério organísmico e da identidade de natureza, comprometendo processos fundamentais de formação humana. Como contraponto, propõe-se que a Pedagogia Ontopsicológica oferece instrumentos educativos capazes de favorecer a retomada da consciência corporal, da autonomia e da responsabilidade pessoal.

O objetivo geral deste estudo é analisar os impactos do ambiente virtual sobre o desenvolvimento adolescente à luz de conceitos da Ciência Ontopsicológica e da Pedagogia Ontopsicológica. Como objetivos específicos, busca-se: a) compreender os efeitos da hiperconectividade sobre hábitos de vida, saúde física e saúde mental dos adolescentes; b) relacionar tais efeitos aos conceitos de critério organísmico, cérebro visceral, identidade de natureza e formação da consciência; c) apontar contribuições da Pedagogia Ontopsicológica para uma educação capaz de integrar tecnologia, corporeidade e desenvolvimento humano.

2 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e natureza exploratória. Foram analisadas obras científicas nacionais e internacionais relacionadas à adolescência, saúde mental, comportamento sedentário, redes sociais, tecnologias digitais e impactos da pandemia da COVID-19, bem como obras fundamentais da

Ciência Ontopsicológica.

A fundamentação teórica foi construída a partir de Meneghetti (2014; 2018; 2021; 2022), especialmente por meio das obras Pedagogia Ontopsicológica, Falando aos Jovens, Dicionário de Ontopsicologia e Manual de Ontopsicologia. Também foram considerados trabalhos acadêmicos desenvolvidos no âmbito da Faculdade Antonio Meneghetti sobre critério organísmico, cérebro visceral e pedagogia ontopsicológica, especialmente Vieira, Nedel Filho, Schaefer e Minello e Silva.

A análise dos materiais ocorreu por meio de leitura interpretativa e análise temática, buscando identificar convergências entre os achados científicos contemporâneos e os conceitos ontopsicológicos relacionados à identidade, à percepção organísmica e à formação da consciência. A revisão não pretende esgotar a literatura sobre tecnologia e adolescência, mas construir uma articulação teórica capaz de evidenciar o problema educativo e antropológico implicado na crescente virtualização da experiência juvenil.

3 Referencial teórico

Para a viabilidade deste trabalho, elencam-se autores que evidenciam a situação atual da sociedade, especialmente no que tange ao cotidiano dos jovens, imersos em um mundo tecnológico e, cada vez mais, expostos a referências externas de comportamento, imagem e validação. Em um segundo momento, abordam-se conceitos desenvolvidos pela Ciência Ontopsicológica a fim de apresentar diretivas que possibilitem compreender e superar os efeitos desse processo sobre a formação humana.

3.1 Adolescência, COVID-19 e a transformação dos hábitos de vida

A adolescência constitui uma etapa singular do desenvolvimento humano, caracterizada por intensas transformações biológicas, psicológicas, cognitivas e sociais. Nesse período, o sujeito amplia sua autonomia, redefine sua identidade e estabelece novas formas de relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Segundo Melo, Siebra e Moreira (2017), a adolescência é marcada por vulnerabilidades específicas decorrentes das mudanças físicas, emocionais e sociais próprias dessa fase. A construção da autoestima, do pertencimento social e da identidade pessoal depende, em grande medida, das experiências vivenciadas pelo adolescente em seu contexto familiar, educacional e cultural.

A pandemia da COVID-19 alterou significativamente esse processo. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou estado de pandemia global, levando à adoção de medidas de isolamento social e à suspensão de atividades presenciais em diversos países (OMS, 2020). Como consequência, milhões de adolescentes passaram a desenvolver suas atividades escolares, recreativas e sociais predominantemente por meio de dispositivos digitais.

Madigan et al. (2022), em revisão sistemática e metanálise, identificaram aumento superior a 50% no tempo médio de exposição às telas entre crianças e adolescentes durante a pandemia. Patterson et al. (2022) observaram redução significativa dos níveis de atividade física e aumento expressivo do comportamento sedentário. No Brasil, o Ministério da Saúde (2021) destacou que os efeitos do isolamento social

produziram impactos relevantes sobre a saúde mental dos adolescentes, incluindo aumento dos índices de ansiedade, depressão, irritabilidade e dificuldades de adaptação social.

Da Silva et al. (2022) ressaltam que as redes sociais desempenharam papel ambivalente durante esse período. Ao mesmo tempo em que permitiram a manutenção de vínculos e da comunicação interpessoal, também favoreceram maior exposição a conteúdos negativos, excesso de informações e dependência tecnológica. Esses dados indicam que a pandemia não apenas ampliou o uso das tecnologias digitais, mas acelerou um processo de virtualização da experiência humana que já vinha se consolidando nas últimas décadas.

3.2 Mundo virtual, sedentarismo e saúde física

Entre os principais efeitos do aumento do tempo de tela destaca-se o crescimento do comportamento sedentário. A Organização Mundial da Saúde (2020) recomenda que adolescentes realizem pelo menos sessenta minutos diários de atividade física moderada a vigorosa, além de reduzirem o tempo dedicado a comportamentos sedentários.

Entretanto, o aumento do uso de smartphones, computadores, videogames e plataformas digitais tem contribuído para a diminuição progressiva das atividades corporais espontâneas. Lustosa e Silva (2021) identificaram associação entre uso excessivo das redes sociais e redução da prática de exercícios físicos. Essa condição favorece o surgimento de obesidade, alterações metabólicas, redução da capacidade cardiorrespiratória e comprometimento da saúde musculoesquelética.

Figueiredo et al. (2018) destacam ainda que a utilização prolongada de dispositivos eletrônicos está relacionada ao aparecimento de dores cervicais, lombares e alterações posturais decorrentes da permanência em posições inadequadas durante longos períodos. Outro aspecto relevante refere-se aos distúrbios do sono. A exposição contínua à luz azul emitida por telas interfere na produção de melatonina, hormônio responsável pela regulação do ciclo circadiano. Como consequência, adolescentes que permanecem conectados até horários avançados tendem a apresentar dificuldades para iniciar o sono, redução da qualidade do descanso e maior fadiga durante o dia.

Sob a perspectiva ontopsicológica, tais alterações ultrapassam a dimensão fisiológica. O corpo representa a primeira mediação histórica da identidade humana. Quando o adolescente reduz suas experiências corporais concretas, diminui também as oportunidades de desenvolver percepção de limites, ritmos biológicos, resistência física e consciência orgânica. Nesse sentido, a atividade física não deve ser compreendida apenas como estratégia de prevenção de doenças, mas como instrumento fundamental de contato com a realidade corporal e com os processos naturais de autorregulação do organismo.

3.3 Mundo virtual, saúde mental e construção da identidade

Se os impactos físicos do uso excessivo das tecnologias digitais são amplamente documentados, seus efeitos psicológicos apresentam complexidade ainda maior. Ferreira et

al. (2020) identificaram associação entre uso intenso da internet e alterações biopsicossociais importantes, incluindo dificuldades emocionais, isolamento social, problemas de sono e prejuízos na qualidade de vida. De forma semelhante, Souza e Cunha (2019) observaram correlação entre uso excessivo das redes sociais e aumento dos níveis de ansiedade e depressão em adolescentes.

A adolescência corresponde a uma fase em que a construção da identidade ocorre de forma particularmente intensa. O jovem busca reconhecimento, pertencimento e confirmação de seu valor pessoal. Nesse contexto, as redes sociais oferecem um ambiente aparentemente favorável para a expressão de si. Contudo, Portugal e Souza (2020) observam que esses ambientes permitem ao adolescente selecionar, editar e apresentar versões idealizadas de sua própria imagem. Tal possibilidade favorece a construção de identidades digitais frequentemente desconectadas da experiência concreta da pessoa.

Barros et al. (2019) destacam que muitos adolescentes recorrem ao ambiente virtual para preencher sentimentos de solidão ou vazio emocional. Entretanto, quando a principal fonte de reconhecimento passa a depender das interações digitais, o sujeito torna-se mais vulnerável à frustração, à insegurança e à instabilidade emocional.

Sob a ótica da Ontopsicologia, esse fenômeno adquire significado ainda mais profundo. A identidade humana não se constrói apenas pela imagem social ou pela aprovação do grupo. Ela depende de uma progressiva coincidência entre o Eu histórico e a identidade de natureza. Quan-

do a percepção de si passa a ser determinada prioritariamente por mecanismos de validação social digital, ocorre um deslocamento do centro de referência da pessoa. O adolescente tende a reduzir a confirmação em sua própria realidade organísmica e passa a depender cada vez mais de critérios externos de reconhecimento.

Essa condição pode contribuir para o aumento da ansiedade, da insegurança e da dificuldade de construir projetos de vida coerentes com a própria identidade. Além disso, o excesso de estímulos digitais favorece a fragmentação da atenção. Segundo Cánovas (2015), o grande volume de informações processadas simultaneamente pelo cérebro pode gerar sobrecarga cognitiva, comprometendo funções relacionadas à memória, concentração e pensamento reflexivo.

Dessa forma, o ambiente virtual influencia não apenas os comportamentos do adolescente, mas também os processos pelos quais ele interpreta a realidade, organiza sua identidade e constrói sua visão de mundo. Embora a literatura científica descreva os efeitos emocionais e cognitivos decorrentes da hiperexposição digital, permanece a questão acerca do impacto desse fenômeno sobre os processos mais profundos de autorreferência do sujeito. É nesse ponto que a Ciência Ontopsicológica oferece uma contribuição específica, ao analisar a relação entre percepção organísmica, identidade e formação da consciência.

3.4 O jovem sadio à luz da Ciência Ontopsicológica

A Ciência Ontopsicológica compreende o ser humano como uma unidade indivisível entre

corpo, psique e identidade. Nessa perspectiva, o desenvolvimento saudável não depende apenas da ausência de doenças físicas ou psicológicas, mas da capacidade do indivíduo de manter coincidência progressiva entre sua consciência histórica e sua identidade de natureza.

Ao analisar a condição dos adolescentes contemporâneos, observa-se que a hiperconectividade, o excesso de estímulos digitais e a crescente virtualização das relações podem comprometer a percepção de si mesmos e dificultar o desenvolvimento de uma identidade autêntica. Para compreender esse fenômeno, tornam-se particularmente relevantes os conceitos de critério organísmico, cérebro visceral, identidade de natureza e formação da consciência.

3.4.1 Critério organísmico

A Ontopsicologia propõe o critério organísmico como a primeira referência de conhecimento da realidade humana. Segundo Meneghetti (2021, p. 206):

Organísmico é o conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano.

Essa definição evidencia que o organismo não se restringe às funções biológicas, mas constitui uma unidade inteligente capaz de fornecer continuamente informações sobre aquilo que é funcional ou disfuncional à identidade do sujeito.

O critério organísmico corresponde, portanto, à capacidade de perceber e interpretar corretamente as informações provenientes do próprio organismo. Trata-se de um conhecimento

baseado na funcionalidade existencial, permitindo distinguir aquilo que favorece o desenvolvimento humano daquilo que conduz à dispersão, ao desgaste e à perda da própria identidade.

Entretanto, Meneghetti (2018) alerta que a sociedade contemporânea frequentemente educa o indivíduo a privilegiar referências externas em detrimento da percepção organísmica. Como consequência, o sujeito passa a orientar suas escolhas segundo modelos sociais, expectativas coletivas ou padrões culturais que nem sempre coincidem com sua identidade de natureza. No contexto da adolescência, essa condição torna-se ainda mais evidente, pois o ambiente digital expõe o jovem a uma quantidade inédita de estímulos, informações e modelos de comportamento, favorecendo a construção da identidade a partir de critérios externos de validação.

3.4.2 Cérebro visceral

No capítulo “O Critério Organísmico”, Meneghetti (2018) descreve o cérebro visceral ou viscerotônico como o primeiro cérebro do ser humano, anterior ao próprio cérebro racional. Segundo o autor:

O cérebro visceral é o primeiro sensor de realidade e de verdade para nós (MENEGHETTI, 2018, p. 102).

O cérebro visceral corresponde a um sistema perceptivo profundo responsável por captar informações provenientes do ambiente e fornecer uma primeira avaliação sobre sua funcionalidade para a vida do sujeito. Essa resposta ocorre antes da elaboração racional e constitui uma referência fundamental para a orientação da existência.

Meneghetti (2018, p. 102) afirma ainda: “O Em Si ôntico está apoiado nesse primeiro cérebro da vida”. Assim, o cérebro visceral atua como uma espécie de radar biológico capaz de indicar aquilo que favorece ou prejudica a realização da identidade humana.

Entretanto, a excessiva exposição a estímulos digitais pode reduzir a atenção dirigida às informações provenientes desse primeiro cérebro, favorecendo uma percepção cada vez mais mediada por imagens, opiniões e padrões externos.

3.4.3 Identidade de natureza

A Ontopsicologia compreende que cada ser humano possui uma identidade originária denominada Em Si ôntico. Essa identidade representa o princípio formal inteligente que orienta o desenvolvimento da pessoa e indica continuamente aquilo que favorece sua realização histórica.

A identidade de natureza não é construída socialmente, mas constitui o projeto originário da pessoa. Sua manifestação ocorre por meio do organismo, das inclinações naturais, das potencialidades e da capacidade de realizar escolhas coerentes com a própria vida.

Durante a adolescência, a construção da identidade assume papel central. Entretanto, quando o jovem passa a buscar validação prioritariamente em padrões de beleza, métricas digitais ou modelos de sucesso amplamente difundidos pelas redes sociais, pode ocorrer um afastamento progressivo de sua identidade de natureza. Nesse contexto, a dificuldade não consiste apenas em um problema psicológico, mas em uma perda gradual da referência interna que orienta a realização pessoal.

3.4.4 Formação da consciência

A consciência representa a capacidade de perceber, interpretar e orientar a própria existência. Contudo, segundo a Ontopsicologia, a consciência nem sempre coincide com a identidade de natureza. O processo educativo possui justamente a função de favorecer essa coincidência progressiva entre o Eu histórico e o Eu Si ôntico. Em outras palavras, educar significa desenvolver uma consciência capaz de reconhecer aquilo que é funcional à própria identidade.

Nesse sentido, a formação da consciência exige experiências concretas que permitam ao jovem desenvolver autonomia, responsabilidade, senso crítico e capacidade de decisão. Quando a experiência humana torna-se excessivamente mediada por ambientes virtuais, reduz-se o contato direto com a realidade concreta, com o corpo, com a natureza e com as relações presenciais. Como consequência, o processo de formação da consciência pode tornar-se mais vulnerável às influências externas e menos conectado às informações provenientes da própria identidade.

Por essa razão, a educação contemporânea necessita criar condições para que o adolescente utilize os recursos tecnológicos sem reduzir o contato consigo mesmo, com seu organismo e com sua identidade de natureza.

4 Pedagogia ontopsicológica e a formação do adolescente na era digital

Diante dos desafios impostos pela cultura digital contemporânea, a Pedagogia Ontopsicológica apresenta uma proposta educativa centrada no desenvolvimento integral da pessoa. Segundo

Meneghetti (2014, p. 195), “Pedagogia é a arte de formar o homem-pessoa na função social”. E complementa: “Mais intimamente pedagogia significa como contribuir ao processo de consciência do indivíduo em vantagem de si e do ecossistema” (MENEGHETTI, 2014, p. 195).

Essa perspectiva compreende a educação como um processo que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos. Educar significa favorecer o desenvolvimento da consciência, da responsabilidade e da capacidade de reconhecer aquilo que é funcional à própria identidade. A infância e a adolescência assumem papel central nesse processo, pois correspondem aos períodos em que são construídas as bases emocionais, cognitivas e relacionais da personalidade.

Meneghetti (2014, p. 197) afirma: “A característica de cada criança é esta: capacidade, vontade de ajudar, de dar, de ser alguém em modo superior por necessidade de vida”. Essa afirmação indica que o ser humano possui uma tendência natural ao crescimento, à criatividade e à realização. A função da educação consiste em favorecer a expressão dessa potencialidade, criando condições para que a pessoa desenvolva sua autonomia e sua responsabilidade histórica.

Ao refletir sobre os desafios da juventude contemporânea, Meneghetti (2014, p. 199) observa: “A juventude mais vital diz aos homens do sistema: ‘Fale-me como a vida me ama, dá-me uma cultura que me ajude, que seja funcional àquilo que eu já sou’”. Essa passagem evidencia que o jovem busca referências capazes de confirmar sua identidade e orientar seu desenvolvimento. A educação precisa responder a essa necessidade oferecendo experiências concretas que fortaleçam a percepção orgânica e a construção de uma identidade autêntica.

Silva, ao discutir a visão antropológica subjacente à Pedagogia Ontopsicológica, evidencia que toda proposta educativa carrega uma concepção de homem. Nesse sentido, a educação não pode limitar-se a adaptar o jovem às exigências do sistema social ou tecnológico; deve favorecer a emergência de uma consciência capaz de reconhecer a própria identidade e atuar historicamente em coerência com ela. Schaefer e Minello, ao analisarem a aplicação da Pedagogia Ontopsicológica no desenvolvimento profissional dos jovens, reforçam a dimensão prática dessa abordagem, demonstrando que a formação humana exige responsabilidade, autonomia, protagonismo e capacidade de ação concreta.

No contexto da era digital, práticas como atividade física, convivência presencial, contato com a natureza, expressão artística, trabalho produtivo, melolística e hidromúsica solar podem constituir instrumentos pedagógicos capazes de favorecer a reconexão entre organismo, consciência e identidade. Tais práticas não devem ser compreendidas como oposição à tecnologia, mas como mediações necessárias para que o jovem mantenha sua centralidade subjetiva diante dos estímulos digitais.

A tecnologia, portanto, não é compreendida como inimiga do desenvolvimento humano. O desafio consiste em utilizá-la como instrumento de crescimento, aprendizagem e comunicação, sem permitir que ela substitua a experiência concreta da vida, o contato com o próprio corpo e a capacidade de decisão responsável.

5 Discussão

A revisão bibliográfica realizada demonstra que existe amplo consenso científico acerca

dos impactos do uso excessivo das tecnologias digitais sobre a saúde física e mental dos adolescentes. Sedentarismo, obesidade, alterações do sono, ansiedade, depressão e dificuldades cognitivas aparecem de forma recorrente na literatura analisada. Entretanto, a principal contribuição deste estudo consiste em ampliar a compreensão desse fenômeno para além das dimensões biológica e psicológica.

A partir da perspectiva ontopsicológica, torna-se possível compreender que o problema não se restringe ao excesso de telas ou ao tempo de conexão, mas envolve também uma transformação na forma como o adolescente constrói sua identidade, interpreta a realidade e escolhe seus critérios de orientação existencial. A hiperconectividade favorece a substituição progressiva da experiência direta pela experiência mediada. O jovem passa a relacionar-se com representações da realidade, frequentemente filtradas por algoritmos, padrões estéticos e mecanismos de validação social.

Essa substituição da experiência direta pela experiência mediada apresenta implicações relevantes para a formação humana. A experiência direta envolve corpo, presença, ação, limite, frustração, convivência e responsabilidade. A experiência virtual, por sua vez, tende a privilegiar rapidez, imagem, edição, comparação e resposta imediata. Quando essa segunda forma de experiência se torna predominante, o adolescente pode desenvolver uma relação com a realidade marcada pela impaciência, pela busca constante de estímulo e pela dependência de reconhecimento externo.

Nesse contexto, o critério organicístico perde espaço para critérios externos de reconhecimento. A identidade passa a ser construída a partir

de métricas digitais, padrões de sucesso, modelos culturais e expectativas coletivas amplamente difundidas pelas plataformas digitais. O problema central, portanto, não está na tecnologia em si, mas na ausência de um critério interno suficientemente formado para orientar o uso da tecnologia em vantagem da própria identidade.

A Ontopsicologia contribui para esse debate ao demonstrar que a saúde humana não depende apenas da ausência de sintomas ou doenças, mas também da capacidade de manter coincidência progressiva entre o Eu histórico e a identidade de natureza. Nessa perspectiva, um adolescente aparentemente adaptado ao mundo digital pode, ainda assim, estar afastado de sua própria percepção organísmica, quando suas escolhas passam a ser orientadas prioritariamente por comparação, aprovação e imitação.

A educação contemporânea, portanto, não pode limitar-se à alfabetização digital. É necessário educar para a consciência, para a corporeidade, para a responsabilidade e para o uso inteligente da tecnologia. Isso implica ajudar o jovem a reconhecer seus próprios ritmos, perceber os efeitos do uso digital sobre seu corpo e sua atenção, distinguir necessidade real de compulsão, desenvolver pensamento crítico diante das imagens e construir projetos de vida coerentes com sua identidade.

Para pais, educadores e instituições escolares, essa reflexão aponta para a necessidade de criar ambientes formativos que integrem tecnologia e experiência concreta. A escola e a família podem favorecer rotinas que incluam movimento físico, diálogo presencial, trabalho colaborativo, silêncio, leitura, natureza, arte e responsabilidade prática. Tais experiências funcionam como contraponto à lógica da hiperes-

timulação digital e ajudam o adolescente a retomar o contato com sua própria interioridade.

Nessa direção, a Pedagogia Ontopsicológica apresenta-se como uma possibilidade educativa particularmente relevante, pois recoloca no centro da formação a pergunta pelo homem que se deseja formar. Não basta preparar jovens tecnicamente competentes; é necessário formar sujeitos capazes de reconhecer a si mesmos, agir com responsabilidade e utilizar os instrumentos do próprio tempo sem perder a centralidade da própria identidade.

6 Considerações finais

O presente estudo analisou os impactos do ambiente virtual sobre o desenvolvimento adolescente a partir da articulação entre evidências científicas contemporâneas e os fundamentos da Ciência Ontopsicológica. Os estudos revisados demonstraram que o aumento do tempo de tela, intensificado pela pandemia da COVID-19, está associado ao crescimento do comportamento sedentário, dos transtornos emocionais, das dificuldades cognitivas e das fragilidades relacionais.

Entretanto, a principal contribuição deste trabalho consiste em ampliar a compreensão desse fenômeno à luz da Ontopsicologia, evidenciando que a hiperconectividade pode favorecer o afastamento do critério organísmico e da identidade de natureza. Sob essa perspectiva, o problema não reside exclusivamente na tecnologia, mas na redução da capacidade do adolescente de perceber as informações provenientes do próprio organismo e utilizá-las como referência para suas escolhas e para a construção de sua identidade.

A Pedagogia Ontopsicológica apresenta-se como uma proposta educativa particularmente relevante para esse contexto, pois favorece o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da consciência crítica e da coincidência progressiva entre o Eu histórico e a identidade de natureza. Ao propor uma educação funcional ao desenvolvimento integral da pessoa, essa abordagem contribui para que o jovem utilize os recursos digitais sem se submeter à lógica da comparação, da dispersão e da validação externa.

Conclui-se que o desafio contemporâneo não consiste apenas em ensinar os jovens a utilizar tecnologias digitais, mas em capacitá-los a permanecer conscientes de si mesmos enquanto as utilizam. A questão central não é afastar os jovens da tecnologia, mas garantir que ela permaneça subordinada ao desenvolvimento humano. A formação das futuras gerações dependerá da capacidade de educar sujeitos tecnologicamente competentes e, simultaneamente, conscientes de sua identidade, de seu organismo e de sua responsabilidade histórica.

Referências

- AMIGO, B. M. P. et al. **Diagnóstico de utilización de redes sociales: factor de riesgo para el adolescente**. Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo, Guadalajara, v. 8, n. 16, p. 53-72, 2018.
- AVELAR, L. G. S. **O uso excessivo das tecnologias de informação e comunicação e a saúde do adolescente**. 2020.
- BARBOSA, F.; AMANTE, L. **Facebook e socialização no ensino secundário**. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do E-learning) – Universidade Aberta, Évora, 2015.
- BARROS, B. P. de et al. **O uso excessivo da internet por jovens e seus danos biopsicossociais: revisão da literatura**. Revista Saúde, v. 13, 2019.
- BESERRA, L. et al. Atividade de vida “Comunicar” e uso de redes sociais sob a perspectiva de adolescentes. Cogitare Enfermagem, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2016.
- BIENZOBÁS, S. M. **Adolescência, internet e saúde mental: uma revisão de escopo**. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e a pandemia de Covid-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.
- BUENO, L. A. F. **Uso de mídias sociais, ansiedade e depressão: revisão integrativa e interface**. 2018.
- CÁNOVAS, G. **Cariño he conectado a los niños**. Bilbao: Mensajero, 2015.
- DA SILVA, R. R. G. et al. **Impactos das mídias sociais sobre saúde mental no contexto pandêmico da COVID-19: scoping review**. Revista de Saúde Dom Alberto, v. 9, n. 1, p. 1-25, 2022.
- DE ALENCAR FIGUEIREDO, I. G. et al. **Influência das tecnologias na adolescência: uma revisão integrativa**. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, v. 2, n. 1, p. 135-151, 2018.
- DE SILVA JUNIOR, E. S. et al. **Depressão entre adolescentes que usam frequentemente as redes sociais: uma revisão da literatura**. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 3, p. 18838-18851, 2022.
- FERREIRA, E. Z. et al. A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, 2020.
- FÉLIX JUNIOR, C. M; CORRADINI, V. M;

MAINARDES, S. C. C. **Aspectos etiológicos da dependência em internet: uma revisão teórica.** 2015.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da Informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Tecnologias da Informação e Comunicação 2021.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LUSTOSA, B. F.; SILVA, B. G. M. **A influência das redes sociais na prática de exercícios físicos e na autoimagem de estudantes universitários da área da saúde: uma revisão integrativa.** 2021.

MADIGAN, S. *et al.* **Changes and correlates of screen time during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis.** EClinicalMedicine, 2022.

MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V. **Depressão em adolescentes: revisão da literatura e o lugar da pesquisa fenomenológica.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. 1, p. 18-34, 2017.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, A. **Falando aos Jovens.** v. 2. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

NEDEL FILHO, J. A. **O Cérebro Visceral. Trabalho de Conclusão de Curso.** Faculdade Antonio Meneghetti.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Doença por Coronavírus (COVID-19).** Genebra: OMS, 2020.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Guidelines on Physical Activity and Sedentary Behaviour.** Geneva: World Health Organization, 2020.

PATTERSON, R. *et al.* **Youth physical activity and the COVID-19 pandemic: a systematic review.** Preventive Medicine Reports, 2022.

PATRÃO, I. *et al.* **Avaliação e intervenção terapêutica na utilização problemática da internet em jovens: revisão da literatura.** 2016.

PORTUGAL, A. F.; SOUZA, J. C. P. **Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura.** Revista Ensino de Ciências e Humanidades, v. 4, n. 2, p. 262-291, 2020.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. **A aplicação da pedagogia ontopsicológica no desenvolvimento profissional dos jovens.** Saber Humano.

SILVA, B. F. **Educar a Quem? A Visão Antropológica como Elemento Subjacente ao Ato Educativo na Pedagogia Ontopsicológica.** Saber Humano.

SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C. **Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura.** Revista Educação, Psicologia e Interfaces, v. 3, n. 3, 2019.

VIEIRA, C. S. **Critério Organísmico: Medida Guia da Ciência Ontopsicológica.** Trabalho

de Conclusão de Curso. Faculdade Antonio Meneghetti.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M.
Cyberbullying e depressão em adolescentes.
Revista Psicologia para América Latina, n. 34,
p. 221-231, 2020.

